

Maria Augusta da Silva Caliari

*Antigamente
era assim*



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

*Antigamente
era assim*

Maria Augusta da Silva Caliari

*Antigamente
era assim*

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Maria Augusta da Silva Caliar

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Diagramação: Michael Douglas
1ª edição – agosto de 2021

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Caliari, Maria Augusta da Silva
Antigamente era assim / Maria Augusta da Silva Caliar. --
1. ed. -- São Paulo : Recanto das Letras, 2021.
328 p.

ISBN: 978-65-86751-91-8

1. Ficção brasileira 2. Alfabetização – Ficção I. Título

21-1674

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

Apresentação

Antigamente era assim é a irreverente saga da autora mostrando ao mundo que é possível ensinar a trinta alunos que não tiveram acesso à pré-escola e obter sucesso na alfabetização no primeiro semestre letivo. Assim que iniciou a linda carreira de professora lá no interior e só deixou a sala de aula junto dos pequeninos, muitos anos depois.

Uma façanha linda que exige muito amor e doação e a preocupação em deixar os pequeninos lendo nos primeiros seis meses do ano letivo.

Continuou ensinando os caminhos da aprendizagem aos alunos do ensino médio. Também a paciência para carregar no colo alguns dos alunos que foram sendo empurrados do ensino fundamental ao médio sem os pré-requisitos exigidos na série, tendo eles tratamento diferenciado para suprir a defasagem.

Sumário

Introdução	9
------------------	---

Primeira parte

Capítulo 1: Um mundo desconhecido	12
Capítulo 2: Contato com as letras	20
Capítulo 3: Apresentação das sílabas “ca” e “na”	24
Capítulo 4: Decomposição da palavra canoa	28
Capítulo 5: Ambiente alfabetizador	34
Capítulo 6: Surpresa com o diário de classe	38
Capítulo 7: Aprender fazendo, lendo e escrevendo	42
Capítulo 8: Material pedagógico auxiliar	46
Capítulo 9: Sopa e letrinhas	51
Capítulo 10: Acompanhamento individual	55
Capítulo 11: Interação curricular	60
Capítulo 12: Inclusão de livros no ambiente alfabetizador	68
Capítulo 13: Usando as famílias silábicas	74
Capítulo 14: Explorando ideias	81
Capítulo 15: Aula extraclasse	87
Capítulo 16: Atividades de reforço	94
Capítulo 17: Supervisão do processo de ensino-aprendizagem I ...	100
Capítulo 18: Reforço na aprendizagem	107
Capítulo 19: Ampliando o vocabulário	111
Capítulo 20: Apresentação do livro da série	116
Capítulo 21: Reunião pedagógica	123
Capítulo 22: Atividades de revisão	130
Capítulo 23: Atividade comunitária	135
Capítulo 24: Ações para o segundo semestre	141
Capítulo 25: Interação escola-casa	146
Capítulo 26: Férias de julho	152

Capítulo 27: Aumento do acervo de livros	159
Capítulo 28: Passeando na cidade grande	163
Capítulo 29: Assistindo à peça de teatro	169
Capítulo 30: Compras especiais	171
Capítulo 31: Preparação para o segundo semestre	174

Segunda parte

Capítulo 32: Revisão da aprendizagem do primeiro semestre	178
Capítulo 33: Dinâmica na classe	184
Capítulo 34: Usando material pedagógico extra	191
Capítulo 35: Trabalhando em grupos	196
Capítulo 36: Estudo de assuntos selecionados	206
Capítulo 37: Ensinando matemática	212
Capítulo 38: Manuseando revistas	220
Capítulo 39: Técnicas em sala de aula	226

Terceira Parte

Capítulo 40: Revisando conteúdos	232
Capítulo 41: Supervisão do processo de ensino-aprendizagem II	237
Capítulo 42: Reflexões sobre professor e aluno	245
Capítulo 43: A chegada de um novo aluno	252
Capítulo 44: Projeto pedagógico sobre sexualidade	259
Capítulo 45: Plano de Defesa Civil	269
Capítulo 46: Apostilas de conteúdo aplicado	281
Capítulo 47: Conversando com a poesia	289
Capítulo 48: Nunca é tarde para aprender nem cedo para ensinar ...	296
Capítulo 49: Reflexões sobre o final do ano letivo	302
Capítulo 50: Cantos e versos de final de ano	309
Capítulo 51: Mariquinha Lololó alfabetiza o pai	314
Capítulo 52: Último dia do ano letivo	320
Breve conversa sobre alfabetização	323
Sobre a autora	327

Introdução

Este livro procura mostrar diretrizes aos alfabetizadores dispostos a ajudar a ensinar as crianças a se alfabetizarem. Ele conta a história de uma menina que mora no sítio, filha única, mas que nunca teve contato com lápis, cadernos, livros ou professor até completar a idade de matricular-se no primeiro ano escolar. Em casa, às vezes, ela pegava um pedaço de carvão e desenhava inúmeras garatujas na parede sem qualquer alusão a elas, pois os pais eram trabalhadores rurais e quase analfabetos, porém com a ajuda da professora essas se transformaram em letras.

Sou disposta a mostrar as habilidades que foram usadas nos muitos anos em que trabalhei como alfabetizadora, sem a preocupação de modismos, mas sempre estudando autores e buscando incessantemente o “novo”, pois meu espaço foi na maioria do tempo em escolas da zona rural. Mas com muita criatividade, em um ambiente alfabetizador que, modéstia à parte, não é necessário mais nada a não ser a vontade de ajudar a criança a aprender!

Como alfabetizadora que estuda vários autores, retirei ações de um e de outro e formei minha própria prática. Como amante das crianças, revele com carinho e firmeza os meus dotes no alfabetizar e conto com simplicidade e muito amor como alfabetizei centenas de crianças que, com grande orgulho, para mim, hoje andam por aí formados, muitos com curso superior. São mulheres e homens felizes ajudados por mim na conquista da ascensão social.

Que bom se todos tivessem alcançado um lugar ao sol, isso não é privilégio de todos, mas a maioria vive espalhada por este Brasilzão, e os que de vez em quando me encontram agradecem por tudo o que fiz!

Meu sonho é que todos tivessem continuado os estudos, mas, lamentavelmente, ainda é sonho não realizado neste país. Tenho consciência de que, realmente, fiz a minha parte.

Por isso vou contar como se alfabetiza e que durante um ano de estudos é possível transformar uma criança que apenas traz à escola a leitura do mundo e

o seu conhecimento familiar sem ter contato com a leitura e a escrita de maneira orientada, e a partir daí, é capaz de ler o mundo que a cerca, interpretando este mundo e dando início ao conhecimento do seu lugar como pessoa na sociedade em que vivemos.

Conto a história de uma personagem, a Dona Teresinha do Socorro (professora), e da aluna personagem Mariquinha Lololó, a Maria de Lourdes, num relacionamento de afeição e respeito em uma escola da zona rural, onde a primeira alfabetiza várias crianças, mas o centro da história é Mariquinha, sem deixar de mencionar o menino especial Nereu, transferido àquela escola quase no final do ano letivo, porém com garra, amor e fé da professora deu um salto gigantesco na leitura e na escrita. Vamos ao início da história?

Primeira parte



Um mundo desconhecido

Mariquinha Lololó mora em um sítio com os pais. Chegou a hora de começar seus estudos. A casa dela fica longe da escola, mas, mesmo assim, ela está se preparando para o seu primeiro dia de aula. Estava muito ansiosa. Na noite que antecedeu a manhã deste dia tão esperado ela praticamente não dormiu. Levantou cedo, pegou a sacolinha de pano com alça; dentro dela, um caderno, um lápis e uma borracha e lá se foi para a escolinha.

No caminho, ia pensando: o que será que se faz na escola? Será coisa boa ou ruim? A escola deixa a gente mais bonito? Ficou mais ansiosa ainda porque sabia que lá encontraria um bocado de amigos que estudariam com ela também.

Mas ela não conhecia ninguém. Nunca se separara da mamãe. Afinal chegou em frente da escola. Lá estavam vários meninos e meninas, os quais ela passou a fazer uma análise. “Como será que eles são? Serão bonzinhos ou gostam de brigar com outras crianças?” Não chegou a conclusão nenhuma.

Também esses que serão os colegas estão impacientes com a novidade de um primeiro dia de aula. Esperou mais um pouco e em seguida chegou uma mulher linda, alta, morena, cabelos compridos, pele clara, bem-vestida, sapatos novinhos e uma pasta preta grossa e brilhante na mão. O olhar dela passou por todos os olhinhos inseguros e em seguida cumprimentou-os alegremente.

Eles ficaram mais à vontade. Mariquinha Lololó achou a professora uma pessoa bonita e boa. Parecida com a mãe de uma amiguinha que estuda em outra escola. Ela falou consigo mesma: “Acho que vou me dar bem com ela”. Nesse momento, a professora abriu a pasta e tirou uma chave. Foi até a porta, abriu-a e em seguida convidou-as para entrar. Mariquinha ficou extasiada!

Quanto banco! Quanta mesinha! Que lousa grandona! Como são bonitas as janelas! Bem grandes! Todos sentaram e a professora se apresentou:

— Meu nome é Teresinha do Socorro. Vamos trabalhar juntos este ano inteiro. Ah, teremos férias em julho, início do segundo semestre e alguns feriados para vocês descansarem.

Logo em seguida, para desespero de Mariquinha, a professora solicitou a cada uma das crianças que também se apresentassem. Dissessem seu nome, o nome do pai, da mãe e se estavam animadas para aprender a ler. Ainda bem que começou pelos meninos.

Quando chegou a vez de Mariquinha ela gelou. Só falava com os pais em casa. Pouco saía, a não ser para visitar algum tio ou ir à missa. Enrubescceu. As mãos tremiam. Encheu-se de coragem e falou também. Assim que terminou a apresentação, deu vontade até de fazer xixi de tão nervosa.

Todos falaram. A seguir, a professora convidou-os para sair da sala e apresentou a escola por dentro e por fora. Foi até um puxadinho que servia como cozinha, andou ao redor, contou um pouco de si e perguntou se todos moravam por perto. Logo a seguir retornaram à sala. Sentaram-se.

A professora foi até a mesa, pegou uma régua e ficou batendo na palma da mão. Em seguida, pediu a todos que pusessem o caderno e o lápis sobre a mesinha. Dirigiu-se à lousa, pegou um pedaço de giz e começou a desenhar. A menina achou tão bonito aquele jeitinho fácil de percorrer com o giz na lousa e traçar um negócio engraçado, esquisito! Fez um contorno. Virou-se para eles e perguntou:

— Quem sabe me dizer o que eu desenhei?

Mariquinha hesitou. Nunca vira antes um desenho daqueles!

Mas os meninos mais salientes logo responderam:

— Professora, é uma canoa? O que está esquisito são aquelas letras debaixo da canoa com um colorido vivo, atraente para chamar a atenção!

Ela respondeu, muito feliz, que realmente era uma canoa.

Conversou um bom tempo fazendo uma análise detalhada da canoa. Veio a comanda:

— Agora, vocês vão tentar desenhar esta canoa.

Deu um pedaço de giz a cada um e a lousa ficou florida. Que beleza! Que amor de criaturas!

Algumas canoas mais bonitas, outras mais feias, mas todas parecidas com canoa. Apaga, desenha, apaga desenha até que a criançada achou que o desenho

estava se aproximando de uma canoa realmente. Todos já estavam enturmados! “Assim eu faço com eles o que eu quiser”, pensou a professora.

Nova comanda:

— No caderno, vocês vão desenhar do jeito como acharem melhor a famosa canoa.

Mariquinha gelou outra vez. Jamais fizera um desenho com um lápis. Sabia rabiscar algumas garatujas com um pedaço de carvão na parede do paiol da sua casa. Mas chegou a vez de todos tentarem.

A canoa que ela desenhou foi um desengonço total. Torta, mais redonda que longitudinal, um fracasso. O pior estava por vir. A professora calmamente perguntou à classe:

— Como falamos o nome deste desenho?

Todos responderam:

— Ca-no-a — pausadamente.

— Muito bem! — disse a professora.

Nova etapa. Desenhou a sílaba “ca” próximo da canoa.

— Agora vamos ler.

Leram várias vezes. Cada aluno foi à lousa contornar a sílaba “ca” com o dedo. Todos desenvolveram a atividade proposta muitas e muitas vezes.

E Dona Teresinha só acompanhando os contornos. Em seguida, orientou-os a escrever a sílaba “ca” no caderno, com calma, sem medo, até acertar. Passou pelas carteiras, olhou um a um os desenhos, ajudando aqueles que apresentavam mais dificuldade.

Mariquinha estava tremendo. Suava até pelas narinas, pois ela, como canhota, sentia muita, mas muita dificuldade! O lápis não se ajustava àquela mãozinha tão frágil e sem experiência em lidar com aquele pedacinho de madeira com aquela coisinha preta bem no centro.

Mas, aos poucos e com o incentivo da professora, foi conseguindo delinear uma coisa parecida apenas com uma canoa e escrever a sílaba “ca”, muito feinha. Mas já era algo maravilhoso para quem nunca pegara num lápis!

Logo em seguida, a professora convidou-os para saírem. Era a hora do recreio. Alguns tinham uma merenda, outros não. Bem pertinho tinha uma venda. Alguns foram até lá e compraram doces.

Mariquinha estava faminta. Se tivesse dinheiro compraria um doce também. Ninguém ofereceu nadinha para ela. A professora, vendo-a com água na boca ao ver os colegas a se deliciarem com os doces, ofereceu a ela uma fatia de pão com manteiga, que gentilmente cedeu do lanche que trouxera para o recreio. A menina jamais esqueceu o sabor daquele pão e daquela manteiga. Hum! Que gostoso! Que pão branquinho!

O recreio foi um “vapt-vupt”, acabou em seguida. Voltaram à sala novamente. Mariquinha parou um pouco de suar frio. Aprendeu a sílaba “ca” e a desenhar uma canoa desengonçada, mas chegou lá. Aprendeu a tarefa proposta. A menina olhava com firmeza para o desenho feito por ela toda garbosa. Foi treino, muito treino.

A maioria da criançada já delineava uma canoa. Passando o dedo sobre a sílaba “ca”, já sabiam escrever alguma coisa. As surpresas naquele primeiro dia de aula não terminavam. Cada um usou várias cores de giz e escreveu bastante.

A aula passou rapidamente. Era meio-dia. A professora elogiou a todos por terem concluído a tarefa do “ca” e o desenho da canoa. Todos foram embora cansados pela primeira vez na escola, felizes pela companhia de tão bela professora.

No dia seguinte a surpresa continuou. A professora começou a cantar como se estivesse fazendo um bebê dormir: “nananananana...”. Mariquinha achou engraçado e bonito o canto da professora. Uma voz suave e meiga cantava baixinho, como se realmente cantasse para um bebê dormir. Como essa professora era bonita! Os olhos dela inspiravam sinceridade, amor, solidariedade, ânimo. A menina não se cansava de olhar para ela.

Já estava um pouco cansada de ficar naquele banco desde cedo. Ninguém saía do lugar, a não ser para afinar a ponta do lápis ou apontá-lo, pois lápis quebra muito a ponta. Mas a professora não parou por aí. Convidou-os para cantar o nanana com ela.

Foi uma beleza. Muito fácil. O pior estava por vir. Nova comanda: deu um pedaço de giz a cada um e pediu que, na lousa, fossem contornar o “na”. Mariquinha novamente gelou. Se com o lápis era difícil de escrever, como seria escrever com giz? Já mais ambientada, tentou. Ficou bem feinho, mas contornou direitinho! Até a professora ficou surpresa.

Todos os alunos contornaram o “na”. Uns com maior, outros menor dificuldade. Todos alcançaram os objetivos dados pela professora. Se a classe atendesse a proposta feita por ela, iriam de vento em popa. Isso aconteceu.

A professora estava muito feliz, pois naquele dia já soube que no final do semestre todas as crianças estariam alfabetizadas! Vale lembrar que estão usando o vocábulo letramento no lugar de alfabetização. Que bobagem! Só para inventar mais um modismo!

Letramento é a tradução de *literacy*, vocábulo inglês que é muito mais do que alfabetização. Letramento é algo muito mais abrangente do que conhecer o alfa e o beta, é reconhecer a língua, o tipo de texto (oral e escrito), identificar a estrutura, perceber o ritmo do texto!

Até concordo que todas as alterações em se tratando do modelo de escola rígida e autoritarismo infame que alguns abobados defenderam por muito tempo continuem sufocadas, enterradas, mas vamos procurar um meio de incentivar nossos alunos nesta era de individualismo sobre a importância de que todos fazemos parte de uma sociedade e que se esta sociedade for completamente letrada aí será o paraíso!

A família e a propriedade estruturadas promovem o progresso. Por que os papas da educação brasileira não ficam satisfeitos com as invenções já apresentadas e não procuram simplificar em vez de complicar, principalmente a cabeça de alguns mestres que já estão na área da educação por estar?

Os nossos especialistas maiores, que têm nas mãos o controle da educação, devem pensar em um enriquecimento para o modelo educacional que está aí nas redes, principalmente estaduais, para melhorar o já existente. Esquecendo da publicação de livros com níveis de dificuldade, erros de impressão e até mesmo de conhecimento, preparando novas atividades sem o gasto exorbitante com dezenas de autores que nada têm a ver com as exigências do país.

Letramento significa alfabetização e muito mais, segundo Emília Ferreiro. Se o significado de *literacy* é expertise (esperteza, perícia), por que desmerecer o vocábulo alfabetização, que é um procedimento que leva a criança a ler jornais, revistas, livros de literatura, dicionários e até enciclopédias em menos de seis meses? Ou será que o vocábulo letramento é mais significativo, mais bonito?

Tudo bobagem daqueles que apenas se preocupam com modismos. Fazemos o aluno ler com letramento ou alfabetização, basta termos empatia, habilidade, disposição e fé para ajudar aqueles pobres coitadinhos da mesma forma como alfabetizamos os bem-nascidos!

Vou continuar com a minha técnica. Ela é infalível porque além do conhecimento e paciência tenho afinidade com o ser humano que está ao meu lado para

aprender e planejo o meu trabalho antecipadamente com tempo para analisar, refletir e alterar o que não estiver dando certo!

Por isso, com letramento ou alfabetização, chegarei lá, se Deus me ajudar, mas prefiro usar o vocábulo alfabetização, não por desprezar o novo, ele me fascina, mas por achar que o significado de alfabetização tem mais a ver com os conhecedores do A e do B (se alfabetizados) e do AN também, prefixo grego que significa privação para os que infelizmente não tiveram condições de prazerosamente ou não brincarem com este fabuloso número de letras que chamamos de alfabeto. E que por meio dele podemos ler o mundo!

Mas sem atropelos nem correria, nem deixando a criança entre dezenas de textos sem um orientador consciente que direcione uma verdadeira aprendizagem. Sem o alfabetizador, professor, não é fácil ao aluno chegar à leitura do mundo.

Para Dona Teresinha, alfabetizar é aprender a ler e a escrever. Não é necessário regras, porém muito respeito pela singularidade da criança e cuidado com o alfabeto, condição *sine qua non* para o letramento, ou seja, saber usar o alfabeto para ler e interpretar textos, sejam eles curtos ou longos. Sem a sequência alfabética, é difícil ou quase impossível em um curto período fazer a criança ler e escrever, porque tudo se processa no plano abstrato e gradativamente passa ao concreto através da experiência com as letras.

Esse alfabeto se posiciona na memória das crianças de forma divinal, abrindo um leque de letras que se ordenam, se juntam formando as sílabas, as palavras, as orações, os períodos simples e compostos e, logo a seguir, a sequência de ideias reunidas em parágrafos que formam um texto significativo escrito conforme o padrão da Língua Portuguesa, se a criança com a ajuda do mestre foi ensinada a mexer com o alfabeto.

O letramento, para Dona Teresinha, é saber usar quase corretamente a nossa Língua Portuguesa. Eis a questão: qual letrado nunca teve um branco e se deparou a pesquisar no dicionário? O letramento é adquirido pela vida inteira do falante. É através da leitura e da escrita, insistentemente, que melhoramos o vocabulário e a maneira correta de produzirmos bons textos e interpretarmos tantos outros.

Dona Teresinha lembrou, remexeu, argumentou e, como um palhaço, pronunciou mais uma vez a sílaba “ca”. Em seguida a sílaba “na” em diversos trejeitos. As crianças riam. Adoravam o jeito de Dona Teresinha. Voltaram todos aos seus lugares.

Começou uma aula diferente, sem lápis nem caderno. Cada um teria que pronunciar as sílabas falando pausadamente “ca-no”. Cada aluno pensaria em

uma palavra que começasse com “ca” e com “na”. Foi um sucesso. Falaram palavras que foram além da expectativa da professora.

Mariquinha estava cada vez mais perplexa. Não era tão difícil escrever, não. Já estava até gostando e a cansaça de ficar sempre no mesmo lugar menos aborrecida.

Dona Teresinha estava numa felicidade intensa. Há muitos anos não alfabetizava. Mas viu, nesses primeiros dias de aulas, que tudo não passava de mito. Que alfabetizar não é para qualquer professor, que é muito difícil, nada disso. O que é preciso para alfabetizar uma criança é ter amor pelo trabalho, dedicação e um objetivo proposto; ser ardiloso, negociar com os baixinhos, seduzi-los.

Foi isso que Dona Teresinha fez. Ganhou a classe inteira. Todos obedeciam ao seu comando e desenvolviam a tarefa proposta. Ela viu naqueles rostinhos joviais e ao mesmo tempo sapecas que estavam com fome, pois já era quase meio-dia. A aula iniciara às oito e terminaria ao meio-dia. Afinal quatro horas na escola não é mole, não.

Muito simpática, conversou sobre o que eles acharam desse dia de aula e deu a pauta do dia seguinte:

— Amanhã voltaremos ao “ca” e ao “no” e mais uma letrinha, o “a”, para deixarmos a canoa completa. Está faltando um pedacinho.

Todos riram e ficaram felizes porque chegou a hora de irem embora. A professora convidou-os para cantarem a musiquinha “Xô, xô, xô, passarinho, sai de cima do telhado, deixa o meu amor dormir um sono sossegado”. Criação dela para levantar o moral dos pequenos.

Dona Teresinha despediu-se dando um beijo em cada aluno e desejando que amanhã voltassem com Deus para mais um dia de aula.



Mariquinha retornou para casa muito feliz, pois conseguiu entender-se com Dona Teresinha, tendo gostado de aprender o “ca” e o “na”, mesmo meio desengonçado. Mas a professora falou que com o tempo, escrevendo e reescrevendo, a letra passaria a ficar bem bonita. Era o que ela esperava. Achou a letra meio esquisita, mas, em casa, iria treinar mais um pouco para agradecer a professora.

A tarde foi curta para fazer a tarefa e dormir um pouco. Acordar cedo para ir a escola foi a primeira vez, e por isso estava com sono. Logo em seguida a noite chegou. A família reunida sentou à mesa para o jantar.

Mariquinha contou ao pai como fora o primeiro dia de aula. Seu pai, cansado do trabalho na lavoura, mas empolgado com a alegria da menina, observou com os olhos brilhantes o caderno de Mariquinha e exclamou:

— Minha filha, eu não sei ler, mas parece que está muito bom! Continua assim, papai quer que venças na vida e sejas uma professora também. Farei o possível para te ajudar no que estiver ao meu alcance para estudares até te formar e ser realmente uma professora igual à Dona Teresinha. Pois em pouco tempo de aula conquistou as criancinhas, que começaram a tirar a venda dos olhos. Aprender a ler é perder a venda que está sobre os olhos. É conhecer o mundo, é viajar sem sair de casa, enfim é viver num mundo claro, bonito, entender o Universo e tudo o que nele existe!

Chegou a hora de ir para a cama. A lamparina foi apagada. Mariquinha não conseguia dormir tão rápido como nos outros dias antes de ir para a escola. Todos os acontecimentos do dia foram revividos. Sua cabecinha estava cheia de sonhos sobre as novas aulas.

“O que será que Dona Teresinha vai ensinar amanhã? Eu já sei! Ela disse o que iríamos aprender, mas ela é surpreendente.”

Aos poucos, cheia de felicidade, adormeceu. Sonhou com o que já aprendeu nas aulas.

O primeiro dia de aula ela jamais esquecerá. É por meio dele que terá sucesso no processo de aprendizagem. O primeiro dia de aula é de suma importância na vida do educando. Faz com que ele goste da escola e tenha prazer pelo estudo. Muitos professores não sabem disso.

Este livro reúne as habilidades acumuladas pela autora ao longo dos anos de profissão na zona rural. Sem preocupação com modismos, mas lançando mão de autores e buscando de maneira incessante o “novo”, ela demonstra como a criatividade foi fundamental para a promoção de um ambiente alfabetizador. De fato, carinho e firmeza, além de amor e simplicidade, foram essenciais para que pudesse instruir centenas de crianças, cujas vidas foram transformadas pela educação.